

EDITORIAL

Estamos fechando o ano de 2005 contemplando neste número reflexões sobre a teoria e prática pedagógica com pessoas portadoras de deficiência e ainda dois artigos sobre a sala de aula no universo das novas tecnologias.

A discussão sobre as concepções de integração e inclusão de crianças com deficiência no ensino regular é feita por Maria Elisa Caputo Ferreira, apresentando e contrapondo idéias mais recentes de autores nacionais sobre essas concepções e as variadas conotações que as envolvem. Na mesma direção aponta o artigo de Maria Luísa Bissoto ao refletir sobre a Educação Inclusiva referenciada em documentos internacionais, apontando divergências conceituais sobre essa proposta de inclusão, principalmente na educação regular, assim como por onde passam estas propostas e abordagens, tendências observadas, problemas e perspectivas, entre outros aspectos. A utilização de estratégias discursivas para “reinventar o lugar social das pessoas com deficiência” ou das estratégias contra-discursivas “usadas para subverter a linguagem corrente”, presente nos EUA e com ecos no Brasil e a repercussão desses movimentos para a prática pedagógica é objeto de análise de Patrícia Monteiro Lacerda. O quadro é complementado com um olhar para a prática pedagógica com alunos que perderam a visão, num relato de experiência musical de Christiane Reis D. V. Assano, apontando pistas para a formação de professores numa perspectiva inclusiva.

Os dois últimos artigos são fruto de trabalho final da disciplina Metodologia do Ensino Superior, num curso de pós-graduação Lato Sensu em Artes Visuais e Culturas Contemporâneas, na Unochapecó. Sidimar Geremia mostra que a possibilidade de inovação colocada pelo trabalho com histórias em quadrinhos pode enriquecer a prática pedagógica e que não depende necessariamente de recursos tecnológicos, mas de boas idéias e bom humor. Por outro lado Hilário Júnior dos Santos faz uma provocação aos leitores ao discutir sobre a virtualização em sala de aula e o impacto das novas tecnologias em educação, abordando a virtualização partindo de filmes de ficção, como a “Jornada nas estrelas”, “Caçador de Andróides”, chegando em

“Matrix”, “13º andar”, “O passageiro do futuro”, “A máquina do tempo” entre outros, mostrando como a realidade virtual pode afetar a percepção humana. A provocação não fica só aí. Desenvolve argumentos relacionados à inteligência artificial, colocando como “a informática muda a concepção de educador”. E finaliza: “este tema é um exercício para manter a ‘cabeça aberta’ para as transformações que a sociedade vem passando”, aspectos estes que têm propiciado várias publicações na área educacional e portanto colocado mais indagações e impulsionado a pesquisa da revista. Que essas duas temáticas contempladas nesse número permitam outras tantas reflexões e práticas frutíferas para a educação inclusiva e para o ensino numa sociedade cheia de novas tecnologias.

Maria dos Anjos Lopes Viella
Coordenadora Editorial